

Mendonça deve o cargo a uma manobra do PFL

BRASÍLIA — O homem que detém as chaves dos cofres das contas do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço, Álvaro Mendonça, foi guindado à presidência da Caixa Econômica Federal após articulação feita pelo PFL, com participação do governador de Pernambuco, Joaquim Francisco, e da bancada do Estado no Congresso. Mendonça foi indicado para o presidente Fernando Collor num jantar na casa do então líder do partido na Câmara, Ricardo Fiuza (PE). A reunião ocorreu na noite de 8 de maio do ano passado, apenas algumas horas depois que saíram do governo a ministra Zélia Cardoso de Mello e o presidente do Banco do Brasil, Alberto Policaro.

“Por que não o Lafaiete para o Banco do Brasil?”, sugeriu a Collor o deputado Gilson Machado, quando o presidente deu a “má notícia” da saída de Policaro. “Mas vou descobrir um santo para cobrir outro?”, hesitou Collor. “Mas o senhor

tem lá o Álvaro, que é um moço com boas referências”, insistiu Machado. Depois do jantar, deputados pernambucanos procuraram o governador Joaquim Francisco, que estava em Brasília, para articular a indicação do conterrâneo à presidência da CEF. Três dias depois o então diretor de Operações da instituição foi confirmado no cargo de presidente.

Pernambucano do Recife, 38 anos, Mendonça construiu sua carreira no Banco Econômico a partir de 1977. O relacionamento entre ele e Lafaiete é o mesmo de discípulo e mestre. Na presidência da Caixa, Mendonça dá provas de que tem aprendido as lições. Cauteloso, antes de aprovar a renegociação da dívida do Rio, no ano passado, fez chegar ao governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães (PFL), o recado de que estava obedecendo às ordens do Planalto, mas continuava de portas abertas para a Bahia. (G.E.)

14